

Brasil, Angola e a (de)colonialidade

Paulo Roberto de Oliveira

Resumo:

Este artigo tem como objetivo analisar as relações entre Brasil e Angola durante os primeiros governos do Partido dos Trabalhadores. Trata do estreitamento das relações dentro e para além deste período, atentando para o horizonte de expectativas e os projetos sustentados, buscando desvelar o nível de aprofundamento destas e os seus desdobramentos para os dois países, com ênfase para a compreensão do papel do Brasil e as características de tal parceria.

Palavras-chave: Brasil. Angola. Sistema Mundial. Decolonialidade.

Brazil, Angola and (de)coloniality

Abstract:

This article aims to analyze relations between Brazil and Angola during the first Workers' Party governments in Brazil. It deals with the strengthening of relationships within and beyond this period, paying attention to the horizon of expectations and the projects supported, seeking to reveal the level of deepening of these and the developments of both for the two countries, with emphasis on understanding the role of Brazil and as characteristics of such a partnership.

Keywords: Brazil. Angola. World System. Decoloniality.

Introdução

Nas últimas décadas ocorreram profundas transformações na maneira como a sociedade brasileira se compreende. Desde o final da ditadura e com a Constituição Federal de 1988, novos grupos ascenderam, abrindo espaço para o atendimento a reivindicações históricas capazes de modificar a maneira como se compreendia a formação social brasileira e o Estado brasileiro. Entre estes grupos, estava o movimento negro, o qual reivindicava a inserção desta população nos espaços de poder e a reparação histórica devida. Este movimento foi uma das forças que levou o Brasil a assinar a declaração de Durban – Conferência Mundial Contra o Racismo, a Xenofobia e a Discriminação Correlata – ainda durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. Esta tendência ganhou força com a ascensão e chegada ao poder do Partido dos Trabalhadores, *locus* de atuação política de grande parte de seus representantes – apesar de não ter sido a morada de um dos maiores, Abdias Nascimento.

As políticas colocadas em prática durante o primeiro governo Lula, em consonância com a articulação de longa duração da população afrodescendente, modificou o horizonte de expectativas do Estado nacional brasileiro. Marcado por um processo reiterado de branqueamento, o Estado brasileiro, àquela altura, abriu-se ao reconhecimento da população negra e de sua importância para a sua formação cultural e econômica. Tal movimento teve como complementariedade a reaproximação com o continente africano, sobretudo com os países nos quais foram sequestrados grande parte da população que formou o Brasil – entre eles Angola.⁷⁹

Do outro lado do oceano, em Angola, a guerra civil decorrente do processo de independência chegou ao seu final em 2002. Uma nova etapa se abriu, com a possibilidade de construção de um novo futuro. O Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), vencedor da guerra civil, transformado em partido político, sustentou um projeto de modernização calcado no ideal de progresso que comportava não só mudanças internas, mas o aumento da visibilidade e da inserção econômica angolana na economia mundial (Oliveira, 2015). Foi neste cenário que os horizontes de ambos os lados do estreito rio chamado Atlântico se encontraram, abrindo possibilidades de um futuro compartilhado.

Este artigo trata deste reencontro, analisando os projetos e expectativas de Brasil e Angola com relação a ele. Se divide, além desta introdução, nas seguintes partes: a primeira –

⁷⁹ Brasil e Angola aproximaram-se e distanciaram-se ao longo do tempo. Para uma compreensão deste movimento, anterior ao recorte aqui abordado, ver RIZZI, 2005.

A retomada e a ressignificação dos laços: quando o passado mudou – com um breve panorama das relações entre Brasil e Angola até a chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder, aprofundando-se neste último período e analisando brevemente o aumento do comércio entre ambos. A segunda – *Angola no Sistema Internacional e as relações com o Brasil* – analisa o contexto do estreitamento das relações entre Angola e Brasil, suas características e expectativas. Por fim, a terceira analisa, ainda que brevemente, a presença cultural e religiosa brasileira em Angola e se coloca como síntese e considerações finais.

1. A retomada e a ressignificação dos laços: quando o futuro passado mudou

Apesar das constantes políticas de branqueamento e do genocídio da população negra (Nascimento, 1980), o Brasil possui uma relação umbilical com o continente africano. Os vínculos entre Brasil e África iniciaram-se no que Alberto da Costa e Silva descreveu como a página mais importante e ao mesmo tempo mais triste de nossa história: a escravidão (Costa e Silva, 1994). Tais vínculos se afrouxaram com a Independência do Brasil e tiveram uma regressão palpável a partir de 1850 com a Lei Eusébio de Queirós, a qual colocou fim ao tráfico escravista. Àquela altura, os países industrializados avançaram sobre a África, bloqueando suas relações com outras regiões e com os países ibéricos (Costa e Silva, 1994). Os grupos chamados à formação do Estado brasileiro esforçaram-se em apagar o legado africano, caracterizando o Brasil como parte da civilização europeia branca (Mattos, 2004). Se é verdade que a riqueza brasileira foi construída com braços de africanos escravizados e seus descendentes (Chalhoub, 2012), esta herança foi escamoteada de diferentes formas e em diferentes momentos.

No século XX, após abolição da escravidão no Brasil, houve um distanciamento ainda maior em relação ao continente e à herança africana; aprofundou-se uma política de branqueamento da população calcada na imigração europeia e no desenvolvimento de um pensamento social que não incorporava o negro⁸⁰ ou, quando o fazia, trazia uma interpretação que harmonizava as relações entre senhores e escravizados. Foi a partir de meados do século XX que este movimento tomou outra direção, com a política diplomática independente de Jânio Quadros e com as tentativas de aproximação estratégica durante a ditadura civil-militar – apesar de que, àquela altura, o que o Brasil buscava era a expansão de sua área de influência, em acordo com os países e regimes colonizadores (Saraiva, 1996; Santana, 2003).

⁸⁰ Ver, por exemplo, Nascimento (1980).

Ao final da década de 1980 e durante a seguinte, ocorreram importantes mudanças em ambos os lados do Atlântico. Ao mesmo tempo em que na África os processos de independência e de(s)colonização avançaram, o Brasil ingressou em um novo panorama democrático. Importante destacar as ações e visitas oficiais do governo Fernando Henrique Cardoso, as quais diminuíram a distância entre o Brasil e diferentes países africanos, sem, contudo, constituir pauta prioritária (Coelho; Mendonça, 2009). As ações diplomáticas e econômicas do então governo brasileiro voltavam-se sobretudo para a geografia tradicional do sistema mundial, sustentada na relação com os países do centro do capitalismo, dentro de uma certa concepção da teoria da dependência (Cardoso; Faletto, 2004; Wallerstein, 2007).

A ascensão do Partido dos Trabalhadores ao poder abriu novas perspectivas para as relações entre Brasil e África, em especial entre Brasil e Angola. Por meio da análise de periódicos brasileiros, é possível acompanhar e desvelar alguns importantes aspectos deste processo. O Partido dos Trabalhadores foi construído ao final da ditadura militar no Brasil e a ele juntaram-se diferentes grupos que ao longo da história brasileira foram alijados das posições de poder políticas, econômicas e culturais. Estes grupos, com a chegada ao poder, pressionaram pelo atendimento de pautas históricas. Entre eles havia dois que tinham como caro o estreitamento das relações com o continente africano: o movimento negro, que buscava na aproximação com a África a justiça histórica almejada, e o fortalecimento da identidade negra brasileira com o consequente fortalecimento das pautas internas, e, por outro lado, os críticos da hegemonia estadunidense e dos órgãos que desde o final da Segunda Guerra Mundial mantinham este *status quo*.⁸¹

Em entrevista dada à Agência Brasil em 2003, o chanceler Celso Amorim defendeu esta aproximação como política de Estado e ressaltou os frutos que poderiam dela advir. Naquele momento, era preparada a primeira visita do presidente Luís Inácio Lula da Silva ao continente africano, acompanhado de ampla comitiva, com cerca de 200 pessoas. Na entrevista, Amorim defendeu as relações histórico-culturais entre as duas regiões, a dívida histórica por parte do Brasil e o potencial econômico de tal aproximação.⁸² Em artigo publicado na Folha de São Paulo em maio do mesmo ano, Celso Amorim afirmou que

[...] o estreitamento das relações com a África constitui para o Brasil uma

⁸¹ Sobre a construção desta arquitetura da economia global, ver Frieden (2008). Sobre a história do Partido dos Trabalhadores, ver Martins (2016), além de Singer (2012).

⁸² Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/7590-entrevista-do-ministro-de-estado-das-relacoes-exterores-embaixador-celso-amorim-a-agencia-brasil-para-celso-amorim-brasil-vai-redescobrir-a-africa>. Acesso em: 02 mai. 2020. Atualmente disponível em: <https://www.cassilandinoticias.com.br/geral/para-celso-amorim-brasil-vai-redescobrir-a-africa>. Acesso em: 19 mar. 2024.

obrigação política, moral e histórica. Com 76 milhões de afrodescendentes, somos a segunda maior nação negra do mundo, atrás da Nigéria, e o governo está empenhado em refletir essa circunstância em sua atuação externa.⁸³

É importante refletir sobre este momento e a fala de Celso Amorim. A declaração do ministro, seguida por outras de membros do governo e do próprio Presidente da República, em consonância com o que era defendido por diferentes líderes e intelectuais negros ao longo da história brasileira, desvelam uma mudança de perspectiva a partir de uma reinterpretação do passado. Naquele momento, para o Estado brasileiro, o passado mudou, com uma transformação no espaço de experiência que também cambiou a compreensão de futuro. A isso voltaremos ao final do texto. Sigamos.

Em 2003, o BNDES foi colocado como importante pilar da política externa brasileira. Em novembro daquele ano o presidente Luís Inácio Lula da Silva anunciou investimentos do banco público em Angola. Segundo o governo brasileiro, a intenção era alavancar o crescimento do país africano, cuja economia já havia apresentado anteriormente índices favoráveis após o fim da guerra civil, com 10% em um ano. O BNDES financiaria investimentos de empresas brasileiras e sua participação em obras de infraestrutura em Angola, além de aumentar linhas de crédito para facilitar o estabelecimento de empresas brasileiras no país.⁸⁴

A busca pela articulação de um eixo diplomático econômico Sul-Sul – que envolvia Angola e outros países africanos – teve ampla participação do BNDES, porém este banco possuía limites institucionais que limitavam a sua atuação em projetos no exterior. Por isso, o governo brasileiro articulou novas formas de financiamento internacional, no intuito de diminuir a dependência em relação às instituições da arquitetura tradicional do sistema mundial. Havia a defesa da necessidade de criação de um banco multilateral para financiar obras de infraestrutura nos países em desenvolvimento, tanto da África quanto da América do Sul.⁸⁵ A isso se articularam as ações frequentes para a abertura do mercado africano. Em novembro de 2003, Lula defendeu a criação de uma área de livre comércio com a África do Sul.⁸⁶ Além disso, as viagens aos países africanos tinham como objetivo tanto ampliar e fortalecer quanto abrir o mercado multilateral entre Brasil e tais países, principalmente São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Namíbia e África do Sul. Houve a abertura de

⁸³ O Brasil e o renascimento africano. *Folha de São Paulo*, 25 de maio de 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2505200308.htm>. Acesso em: 19 mar. 2024.

⁸⁴ Lula anuncia investimento do BNDES em Angola. *O Globo*, 04 de novembro de 2003.

⁸⁵ Lula: não podemos depender só do Banco Mundial. *O Globo*, 05 de novembro de 2003

⁸⁶ Lula vai à África tentando abrir mercado para o Brasil. *O Globo*, 2 de novembro de 2003.

embaixada, de uma agência nacional de petróleo, ações da Fundação Oswaldo Cruz em relação ao combate à AIDS, atuação da Vale, com investimento na exploração de carvão.⁸⁷

Ainda no primeiro governo Lula, os resultados da nova política externa eram vistos como provedores de bons frutos e comemorados. As visitas do presidente do Brasil e missões empresariais ajudaram a desenvolver 19 mercados, as exportações cresceram cerca de 28% em relação a 2003 e ocorreu um superávit na balança comercial de US\$ 32 bilhões. No que tange a Angola, o Brasil elevou em 32,4% as suas exportações com equipamentos de telefonia, construções pré-fabricadas de ferro ou aço e tubos de perfis de ferro fundido. Para Moçambique, o incremento foi de 12,8%, com destaque para reboques utilizados no transporte de mercadorias, materiais elétricos, pães e especiarias.⁸⁸ O Brasil também se colocou como articulador de investimentos de outros países na África; um exemplo foi a parceria com a Itália para a produção de etanol em Angola e Moçambique.⁸⁹

É importante destacar os investimentos da Petrobrás em Angola, visto que sua ampliação apresentou como plano furar nove novos poços no país a partir do mês de outubro de 2009.⁹⁰ Antes disso, já havia a união entre Petrobrás e Vale para exploração de gás natural em Moçambique. Além disso, buscou-se a viabilização de outros investimentos, como a construção de uma usina térmica e uma ferrovia.⁹¹

O fim do primeiro ciclo do Partido dos Trabalhadores impactou as relações com os países africanos, apesar da continuidade da ação empresarial brasileira. É importante ressaltar que a ascensão de governos de matriz liberal, constituídos pelo vice-presidente de Dilma Roussef, golpeada e retirada do poder, e, mais tarde, por Jair Bolsonaro, desarticulou as políticas de estados que, durante os governos do PT, sustentaram aquelas relações. Além disso, os desdobramentos da Operação Lava Jato fizeram com que as empresas brasileiras enfrentassem uma série de processos e contestações em diferentes países, como em Angola e Moçambique.

Em 2017, o embaixador brasileiro em Angola, Paulino Neto, afirmou que as empresas brasileiras não possuíam interesse em sair de Angola e aventava a reativação da linha de financiamento do BNDES para empreendimentos naquele país. Em suas palavras, mesmo com a Lava Jato,

As empresas brasileiras continuam interessadas e têm procurado investir. O

⁸⁷ Brasil quer integração com a África. *O Globo*, 29 de outubro de 2003.

⁸⁸ Política externa agressiva teve um peso favorável na balança comercial. *O Globo*, 26 de dezembro de 2004.

⁸⁹ Brasil e Itália firmam parceria para produzir etanol em países africanos. *O Globo*, 28 de março de 2007

⁹⁰ Petrobrás aposta em refinarias no exterior. *O Globo*, 18 de outubro de 2009.

⁹¹ Acordo une Vale e Petrobrás em Moçambique. *O Globo*, 11 de janeiro de 2006.

que provoca retracção é a conjuntura económica no Brasil. Houve uma recessão muito grande e intensa, principalmente em 2014 e início de 2016, e também em Angola com a redução do preço do petróleo e com a redução das importações e financiamento de obras e projectos.⁹²

2. Angola no Sistema Internacional e as relações com o Brasil

Quem caminha pela orla da cidade de Luanda, pelas proximidades do edifício da Casa da Moeda, facilmente avista no topo do Morro da Fortaleza algo imponente. A construção colonial erguida pelos portugueses foi apoio a uma das suas principais atividades em solo que se tornaria angolano: o tráfico de gente. Se, por acaso, em um dia de calor moderado, esta mesma pessoa seguisse pelo caminho íngreme que leva até lá, logo na entrada seria presenteada com a vista da baía, por um lado e, caminhando para o interior da construção, logo em seu pátio, com uma escultura da rainha Ginga, símbolo da luta pela liberdade dos povos que formaram o país independente.

Seguindo adiante, caminharia entre armamentos utilizados pelas forças de libertação e veículos dos colonizadores e seus aliados – destruídos e expostos como troféus, muitos deles do regime racista sul-africano. Adentrando o edifício, poderia seguir adiante e visitar uma ampla galeria com a história das lutas pela independência e com homenagem aos seus combatentes, sobretudo os militares da república socialista cubana. A ressignificação da fortaleza, sem alusões ao escravismo, concretiza uma segunda ruptura: a libertação do passado escravista.

Outro personagem – o grande personagem da independência – Agostinho Neto, uma presença constante, é venerado em outro monumento, este moderno, ao qual é possível chegar caminhando, passando pela antiga e pela nova assembleia legislativa de Angola. Em 1975, após anos de luta pela independência do domínio português, o discurso de Agostinho Neto consolidou o processo de ruptura colonial angolana e deu ensejo à criação de um novo estado, o qual, nas suas primeiras décadas, além da reconstrução pós-guerra de independência, teria que lidar com as fraturas internas entre movimentos que possuíam visões divergentes sobre o tipo de estado a se construir.⁹³

Líder do Movimento pela Libertação de Angola (MPLA), Agostinho Neto lançou as bases de um estado que se guiava pelo campo socialista em meio à Guerra Fria, destacando

⁹² As empresas brasileiras não têm interesse em sair de Angola. *Valor Econômico*, 26 de junho de 2017. Disponível em: <https://valoreconomico.co.ao/artigo/as-empresas-brasileiras-nao-tem-interesse-em-sair-de-angola>. Acesso em: 19 abr. 2024.

⁹³ Sobre o processo de independência de Angola, ver Silvia (2007).

como seu maior inimigo o imperialismo, a dependência e o subdesenvolvimento, frutos do capitalismo. Portanto, o caminho a ser trilhado seria aquele da economia planificada, de industrialização pautada pela atuação e liderança do estado, de busca de igualdade entre os angolanos de diferentes origens, além de uma política externa não alinhada e que se baseasse na soberania angolana e em ganhos mútuos entre Angola e seus parceiros.⁹⁴

A primeira lei constitucional do novo país, a República Popular de Angola, possuía 60 artigos e estabelecia, já no seu primeiro:

A República Popular de Angola é um Estado soberano, independente e democrático, cujo primeiro objetivo é a total libertação do Povo Angolano dos vestígios do colonialismo e da dominação e agressão do imperialismo e a construção dum país próspero e democrático, completamente livre de qualquer forma de exploração do homem pelo homem, materializando as inspirações das massas populares (Art. 1º da LCRPA⁹⁵ 1975).

A Lei também estabelecia que a República Popular de Angola era um estado laico de justiça social, sem nenhum tipo de discriminação e que caminhava progressivamente para um Estado de Democracia Popular (LCRPA, 1975).

A formação dos estados na África durante muito tempo foi assunto que despertou uma série de análises equivocadas segundo as quais eles seriam artificiais, em contraposição aos estados europeus, colocados como padrão – ver, por exemplo, Belucci (2010). Com a independência surgiu o dilema dos limites na construção da liberdade; que tipo de estado era possível construir? Os séculos de colonização haviam concretizado o padrão de poder ocidental, com a reprodução da mesma estrutura de classes e a mesma estrutura administrativa. Não havia como voltar ao passado pré-colonial.⁹⁶ As lutas anticoloniais, como afirmou Agostinho Neto, eram também lutas anticapitalistas, já que este sistema econômico e sua expansão havia criado a situação colonial. Daí a participação e influência do campo socialista neste processo e a tendência de muitos países africanos a seguirem nesta direção.

A dissolução da União Soviética no início da década de 1990 transformou o sistema mundial e impactou também a República Popular de Angola.⁹⁷ Em 1992, iniciou-se um período de revisão constitucional que se estendeu até 2010, quando foi promulgada a Constituição da República de Angola. Foi uma travessia rumo a um sistema democrático

⁹⁴ Houve em grande parte dos recém-criados estados africanos a disputa entre diferentes visões de economia e de construção das novas entidades políticas. Estas disputas, em grande medida, se caracterizaram pelo embate entre os pró-capitalistas e os pró-socialistas (Belucci, 2010).

⁹⁵ Abreviação para Lei Constitucional da República Popular de Angola.

⁹⁶ Para uma discussão sobre os dilemas africanos pós-independência, ver Barbosa (2020).

⁹⁷ Ver Hobsbawm (1997) sobre a dissolução da URSS.

multipartidário, com garantias e direitos liberais e um sistema econômico de mercado,⁹⁸ apesar da predominância de um partido, o MPLA, e sua ascensão sobre o estado angolano independente.⁹⁹ Tudo isso em meio à guerra civil entre grupos com projetos distintos para o estado angolano que só se encerrou em 2002.¹⁰⁰

Foi nessa transição, entre a Lei Constitucional de inspiração marxista e uma sociedade de mercado concretizada pela constituição de 2010, que Angola estreitou os seus laços com o Brasil, retomando a aproximação histórica entre ambos e superando, ao menos aparentemente, a concepção imperialista brasileira colocada em prática durante a ditadura militar. O Brasil também foi impactado pelo “fim da história”¹⁰¹ do início da década de 1990, com a adesão ao consenso neoliberal (Fiori, 1998) e uma política externa aliada aos países centrais, condizente com o quadro teórico do desenvolvimento dentro da dependência. Foi a ascensão do Partido dos Trabalhadores que tornou possível a busca de novos parceiros e novas prioridades que, apesar de comerciais, também possuíam outros significados. Dessa forma, a aproximação com países africanos significou a retomada dos laços históricos e do reconhecimento da origem africana do Estado Brasileiro, o que se articulou às políticas de cotas raciais e outras ações marcantes do governo do Partido dos Trabalhadores. Apesar do grande debate sobre a manutenção pelo PT de alguns dos pilares econômicos do período anterior, houve uma guinada ao que se convencionou chamar de novo desenvolvimentismo, o qual prezava pela participação do Estado na economia em contraponto ao credo neoliberal anterior (Bastos, 2012). Este ponto é fundamental, pois foi este modelo que potencializou o investimento de empresas públicas no continente africano e a abertura de importantes linhas de crédito do BNDES para Angola.

As ações empreendidas pelo Brasil durante os governos do Partido dos Trabalhadores continuaram a ressoar mesmo após o golpe que encerrou seus 13 anos no poder. Durante os governos do PT houve aumento da presença de empresas brasileiras em Angola, bem como da influência religiosa brasileira por meio da expansão da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), além do desdobramento da indústria cultural brasileira por meio da Record África.

⁹⁸ Muitos países africanos foram forçados a adotar o modelo neoliberal a partir da queda da União Soviética. Ver Belluci (2010).

⁹⁹ Ver, por exemplo, Oliveira (2015).

¹⁰⁰ Segundo Oliveira (2015) ao mesmo tempo em que o MPLA representava um projeto urbano e modernizador para Angola, a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), movimento adversário, possuía bases ligadas ao campo e a um projeto menos ocidentalizante.

¹⁰¹ O fim da Guerra Fria proporcionou aos vencedores, estadunidenses, um momento de euforia em meio ao qual teve grande repercussão a obra de Francis Fukuyama (2015), na qual era alardeado o fim da história, uma vez que não haveria mais oposição ao status quo sustentado pelos Estados Unidos. Era a vitória do Ocidente capitalista.

A análise de alguns periódicos angolanos auxilia no entendimento da perspectiva de grupos daquele país sobre as relações com o Brasil e sua importância. Para esta análise, compreenderemos que as ações brasileiras em Angola alargadas durante o governo Luís Inácio Lula da Silva se desdobraram pelos governos seguintes e se tornaram padrão a ser defendido pelos angolanos. Por questões estruturais e políticas, os jornais angolanos são pouco acessíveis à distância e alguns saíram do ar no último ano.

Uma primeira abordagem dos jornais evidencia a importância do Brasil, tendo em vista que acompanharam a economia, a política, os escândalos da última década e o mundo artístico. Destacaram as eleições brasileiras e as visitas de autoridades: em 13 de abril de 2016 o periódico *Novo Jornal* registrou a visita do Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Mauro Vieira, a Luanda. Descrita como uma viagem em meio à crise política brasileira, o encontro tratou de temas bilaterais e globais. O Ministério das Relações Exteriores brasileiro destacou que Angola poderia se tornar “um dos principais mercados para produtos e serviços brasileiros”, expandindo um comércio que em 2010 havia alcançado 679 milhões de dólares. O governo angolano destacou os interesses comuns entre os dois países e os importantes laços históricos. A visita ocorreu em retribuição ao colega angolano que pouco antes havia ido ao Brasil.¹⁰²

Esta relação também comportava cobranças: no mesmo ano, pouco antes da visita, havia um descontentamento com a participação brasileira nas reuniões ministeriais da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, o qual, segundo declaração da Ministra do Comércio de Angola, deveria formar “um bloco econômico muito forte, com união e solidariedade”. A ministra afirmou na ocasião que o Brasil exportava para todos do bloco e que eles também buscavam exportar para o Brasil, mas encontravam amplos entraves. Cobrou liderança brasileira neste processo de estreitamento comercial. O governo sul-americano defendeu que a Comunidade deveria continuar o seu objetivo fundador de cuidar da língua e da cultura.¹⁰³

Mesmo com os contratempos, Angola continuou nos anos seguintes a aumentar as compras do Brasil, inclusive de proteína animal, mesmo após os escândalos envolvendo o

¹⁰² Ministro das relações exteriores do Brasil em Luanda. *Novo Jornal*, 13 de abril de 2016. Disponível em: https://novojournal.co.ao/politica/interior/ministro-das-relacoes-exteriores-do-brasil-em-luanda-9057.html?seccao=NJ_Poli. Acesso em: 19 abr. 2024.

¹⁰³ Comércio na CPLP: Rosa Pacavira desapontada com participação do Brasil. *Novo Jornal*, 24 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://novojournal.co.ao/economia/interior/comercio-na-cplp-rosa-pacavira-desapontada-com-participacao-do-brasil-526.html>. Acesso em: 19 abr. 2024.

setor.¹⁰⁴ Contudo, o aumento da demanda por itens brasileiros pareceu, naquele momento, não seguir o princípio dos benefícios mútuos. Em janeiro de 2018, foi organizada uma visita do presidente de Angola, João Lourenço, ao Brasil, com o intuito de reestabelecer as linhas de crédito do BNDES que foram desativadas a partir dos escândalos revelados na Operação Lava Jato. Isso havia feito com que muitas empresas brasileiras, entre elas a Odebrecht, deixassem seus empreendimentos em Angola. A viagem foi combinada com o então presidente brasileiro Michel Temer em Davos.¹⁰⁵

Uma nova linha de financiamento do Brasil a Angola surgiu a partir destas conversas, como noticiado pela imprensa local em setembro do mesmo ano. Os principais projetos submetidos pelo governo angolano para o acesso a ela diziam respeito à construção e reabilitação de unidades hospitalares, pontes, redes de abastecimento de água e de energia elétrica, pesquisa científica, extensão rural e desenvolvimento agropecuário. A linha de crédito seguiu um novo modelo e previu o financiamento aberto à participação de instituições financeiras privadas, tais como bancos e fundos de financiamento como o Credit Suisse.¹⁰⁶ Ao mesmo tempo os brasileiros acompanhavam a mudança no ambiente de negócios angolano com as ações do executivo local e do parlamento na implementação das Leis de Investimento Privado e da Concorrência.¹⁰⁷

A eleição de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil colocou-se como uma questão a ser debatida em Angola. Havia o receio de que um governo de direita, defensor de uma maior afinidade com as grandes potências nas relações internacionais, colocasse em risco o aprofundamento das relações constatados nos últimos anos. Em entrevista ao *Novo Jornal*, o especialista em relações internacionais brasileiro, Pedro Lima do Nascimento, afirmou que as relações entre Brasil e África deveriam ter uma alteração dramática, sem avanços. Destacou que a política brasileira com Bolsonaro e o chanceler Ernesto Araújo se voltaria para os

¹⁰⁴ Angola aumentou compras de carne ao Brasil após escândalo da carne fraca. *Novo Jornal*, 12 de agosto de 2017. Disponível em: <https://novojornal.co.ao/sociedade/interior/angola-aumentou-compras-de-carne-ao-brasil-aposescandalo-da-carne-frac-a-41064.html>. Acesso em: 19 abr. 2024.

¹⁰⁵ João Lourenço vai fazer visita oficial ao Brasil em maio, retoma das linhas de crédito é prioridade. *Novo Jornal*, 24 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://novojornal.co.ao/politica/interior/joao-lourenco-vai-fazer-visita-oficial-ao-brasil-em-maio-49505.html>. Acesso em: 20 fev. 2022. Acesso em: 19 abr. 2024.

¹⁰⁶ Angola e Brasil avaliam projetos prioritários. *Jornal de Angola*. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/angola-e-brasil-avaliam-projectos-prioritarios/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

¹⁰⁷ Brasil atento às mudanças que se registam em Angola. *Jornal de Angola*, 7 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/detalhes.php?id=412610>. Acesso em: 19 abr. 2024.

Estados Unidos, ao contrário da política dos governos do Partido dos Trabalhadores que buscaram consolidar as relações com os Estados do continente africano.¹⁰⁸

Manoel Augusto, Ministro das Relações Exteriores angolano, buscou acalmar os ânimos, afirmando que nada mudaria, que as relações entre os dois países independiam de quem governava. Apontou ainda, como ponto favorável, o fato de o vice-presidente Hamilton Mourão ter vivido em Angola por um ano. A imprensa angolana ainda ressaltou a ligação de Bolsonaro com as igrejas evangélicas e seu combate à esquerda.¹⁰⁹

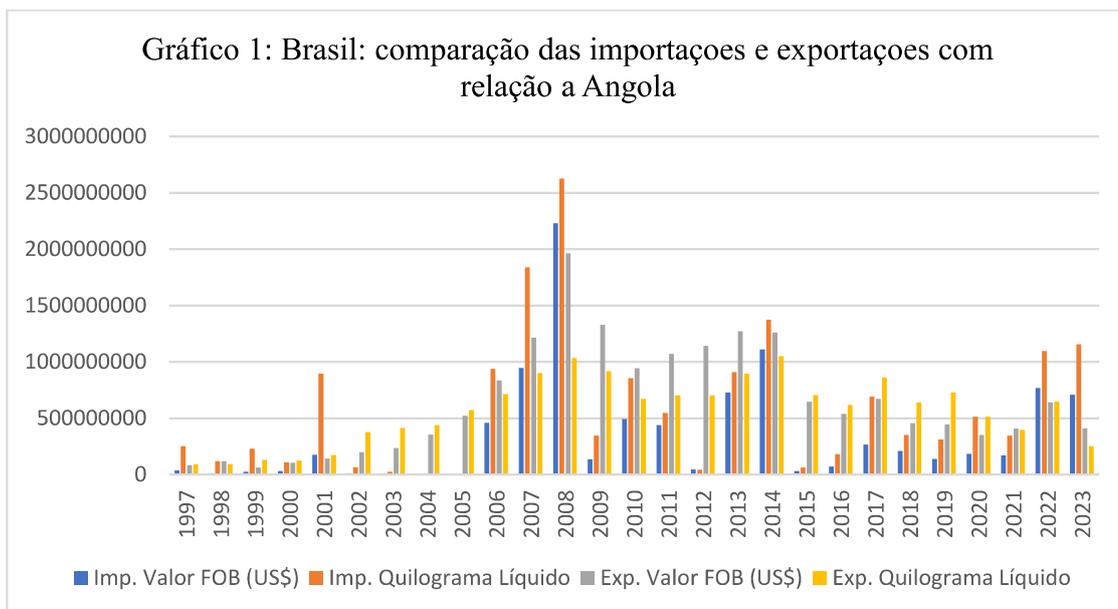
Ao que parece, o principal fator a impactar as relações entre Brasil e Angola no período em análise foi a Operação Lava Jato. Além de levar a extinção da linha de financiamento do BNDES, atingiu empresas que possuíam vastos investimentos no país. Uma das principais foi a Odebrecht. A crise pela qual a construtora passou e os diversos processos judiciais respondidos em diferentes partes do mundo fez com que o seu nome fosse mudado para Novonor.¹¹⁰ Apesar disso, a empresa ainda apareceu como Odebrecht Engenharia e Construção, subsidiária da Novonor, atuando em 2021 na construção da refinaria de Cabinda em conjunto com o grupo londrino Gemcorpo. Foi o primeiro investimento privado do tipo em Angola.¹¹¹ No mesmo ano a Odebrecht Engenharia e Construção assumiu a construção do Terminal Oceânico de Barra do Dante. Os números ilustram o comércio entre os países:

¹⁰⁸ Olhar do Brasil para a África terá mudança dramática com Bolsonaro – defende especialista em relações internacionais. *Novo Jornal*, 31 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://novojornal.co.ao/internacional/interior/olhar-do-brasil-para-africa-tera-mudanca-dramatica-com-bolsonaro---defende-especialista-em-relacoes-internacionais-65165.html>. Acesso em: 19 abr. 2024.

¹⁰⁹ Chegada de Bolsonaro ao poder não vai mudar relacionamento com Angola – MIREX. *Novo Jornal*, 2 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://novojornal.co.ao/politica/interior/chegada-de-bolsonaro-ao-poder-no-brasil-nao-vai-mudar-relacionamento-com-angola---mirex-65174.html>. Acesso em: 19 abr. 2024.

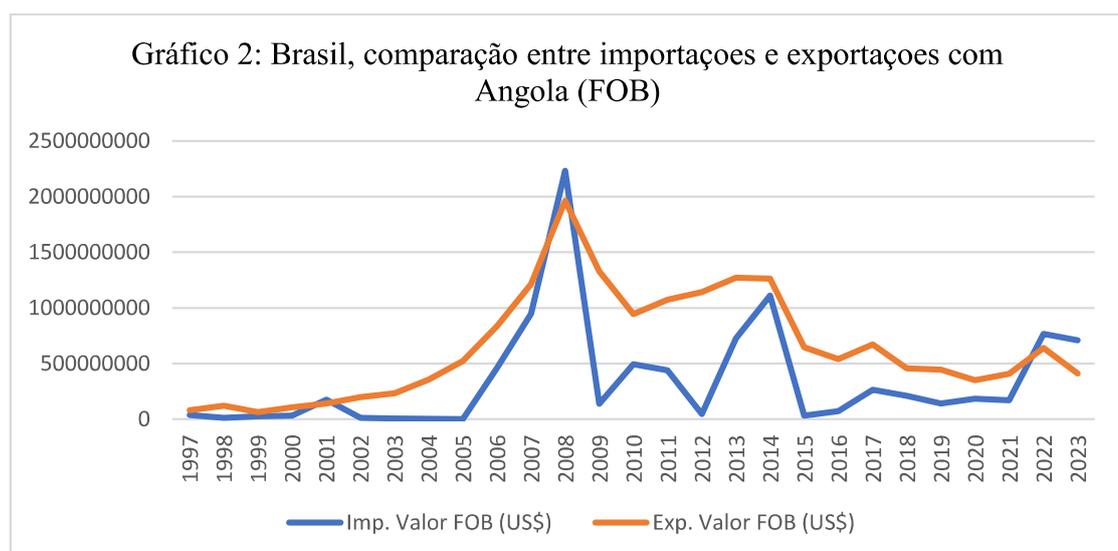
¹¹⁰ *Jornal de Angola*. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/odebrecht-muda-designacao-comercial/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

¹¹¹ Odebrecht vai construir a refinaria de Cabinda. *Jornal de Angola*, 12 de março de 2021. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/odebrecht-vai-construir-a-refinaria-de-cabinda/>. Acesso em: 19 abr. 2024.



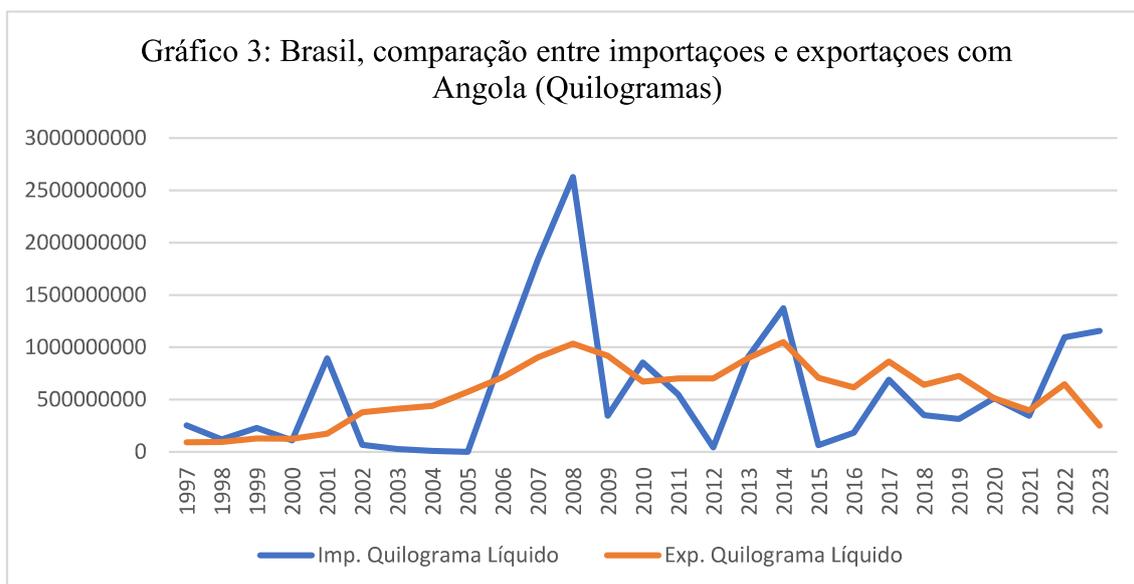
Fonte: Adaptado de COMEX.¹¹²

O Gráfico 1 reúne os valores das importações e exportações entre Brasil e Angola, em quilos e valores. É possível constatar um grande aumento do fluxo comercial durante os dois primeiros governos Lula, estendendo-se para o governo Dilma Rousseff e decaindo após esse governo. Abaixo, nos dois próximos gráficos, este movimento fica mais evidente com a divisão do Gráfico 1 em dois outros, o primeiro com a comparação entre importações e exportações em valores (Gráfico 2) e outro com a mesma comparação em quilogramas (Gráfico 3).



Fonte: Adaptado de COMEX.¹¹³

¹¹² Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/106939> e em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/106940>. Acesso em: 19 abr. 2024.



Fonte: Adaptado de COMEX.¹¹⁴

O Gráfico 2 demonstra que, em termos monetários, apesar do maior valor das exportações do Brasil para Angola com relação às importações, ambas seguem as mesmas tendências. Já com relação às quantidades, as importações possuem um volume maior, apesar de seu menor valor. Também aumentaram durante os governos do PT, com uma significativa baixa das importações em 2012 – em valor e volume – com motivo não esclarecido, talvez pela desaceleração da economia brasileira.

3. Horizonte de expectativa, colonialidade e abismo: uma tentativa de síntese

Se passado e futuro se iluminam mutuamente (Braudel, 1972), a compreensão do tempo histórico demonstra como a interação entre ambos é dinâmica, assim como a relação entre passado e futuro (Koselleck, 2006). As últimas décadas no Brasil testemunharam o coroamento de um processo de longa duração no qual a população negra atuou de diferentes formas contra o seu apagamento, reivindicando o seu espaço na riqueza coletiva e na

¹¹³ Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/106939>, e em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/106940>. Acesso em: 19 abr. 2024.

¹¹⁴ Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/106939> e em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/106940>. Acesso em: 19 abr. 2024.

formação nacional. Com a ascensão do Partido dos Trabalhadores ao poder, o Estado brasileiro avançou neste sentido, no qual o Brasil não mais foi compreendido como um país branco e europeu, mas como um país de composição negra e formado de mãos dadas com o continente africano.¹¹⁵

A mudança do “passado atual”, a transformação do espaço de experiência, favoreceu a abertura de um novo horizonte, no qual a aproximação com a África assumiu o significado de busca das raízes e justiça histórica em duas chaves: primeira, a da construção de uma geografia econômica que favorecesse os países aliados da prosperidade capitalista e, portanto, explorados, e, na segunda, no que mais importa aqui, do resgate das relações com o continente mãe e compartilhamento do progresso alcançado mesmo com todas as restrições sistêmicas – de certa forma, a reaproximação com Angola praticava com o menos favorecido o que se esperava que fosse feito a nível mundial com os países periféricos. Ao menos em discurso.

O estreitamento das relações entre o Brasil e o continente africano, a partir de 2003, sobretudo com Angola, teve como móvel a ação do governo brasileiro e uma estratégia articulada de desenvolvimento econômico a partir da retomada do desenvolvimentismo em nova roupagem e de construção conjunta de uma geografia internacional que desafiasse a estrutura de dependência pautada nos órgãos internacionais criados após a Segunda Guerra Mundial (Friden, 2008; Hobsbawm, 1997).

Para além do comércio, houve um aumento da presença cultural e religiosa em Angola, sobretudo pela atuação de dois grupos submetidos ao brasileiro Edir Macedo: a Igreja Universal do Reino de Deus e a Rede Record de televisão. Já no Brasil, o grupo fundado e dirigido pelo bispo era investigado em 2008 pelas operações econômicas suspeitas para a compra de veículos de imprensa.¹¹⁶

Angola foi um dos países alvos da expansão da IURD. A imprensa angolana, destacava as ações de seus membros e os problemas com a autoridade. Reportagem de 2020 trazia como título “Igreja e Estado em Angola, quem é instrumento do outro?”, no qual questionava as ações de membros da igreja. Em dado momento lê-se:

O Estado angolano devia impor a sua autoridade, gritavam as autoridades e o país. Liberdade religiosa sim, libertinagem não. Uma igreja deve ser a reserva moral da sociedade, por isso, não pode ter um pastor imoral, adúltero,

¹¹⁵ Somente em 2024 o Brasil assumiu sua identidade negra nos fóruns internacionais. Ver: Brasil assume identidade afro em política externa e se reposiciona na ONU. *Portal Uol*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2024/04/12/brasil-assume-identidade-afro-em-politica-externa-e-se-reposiciona-na-onu.htm>. Acesso em: 21 mai. 2024.

¹¹⁶ A Universal espalhada pelo Mundo. *O Globo*, 11 de agosto de 2009.

burlador, caluniador e mentiroso, clamam todos os lesados desta seita contra o pseudoprofeta Fernando Kamalandua.¹¹⁷

Na ocasião, a discussão e a crítica eram feitas a partir da ação de um pastor da IURD que havia levado uma mulher para longe da convivência familiar. Tratou, sem usar estas palavras, como um sequestro. Interessante que o referido artigo estabelece uma ligação entre a transição angolana pós socialismo e a chegada de igrejas e religiosos que mercantilizavam a fé. Cabe a citação feita a respeito da Igreja Universal do Reino de Deus neste contexto. Artigo dizia que a IURD, estabelecida em Angola desde 1992, tinha o país como a sua galinha dos ovos de ouro, “[...] verdadeira máquina de produção de riquezas, como no tempo dos escravizados, cujo suor sangrento enriqueceu ilicitamente a América Latina, América do Norte, Europa e outros continentes.” Ressaltou a proximidade de Edir Macedo e José Eduardo dos Santos, presidente descrito como ditador, o qual teria concretizado os laços entre IURD e Estado Angolano. Destacou, ainda, a fuga de capitais, a vasectomia imposta aos pastores e o racismo difundido pela igreja brasileira. O artigo ainda denunciou a atuação da Rede Record, implementada por conta da proximidade de Edir Macedo e o governo angolano.

Em alguns periódicos a IURD chegou a ser tratada como “Do Reino do Diabo”.¹¹⁸ A crítica destacava a ação da Igreja Universal em outros países, como em Portugal, onde havia adquirido até prédios de valor histórico e a ação contra religiões africanas – o que não é novidade, dada a ação da IURD no Brasil.

Tal resistência a IURD Angola culminou na tomada do comando pelos líderes locais e expulsão da liderança brasileira. Em meio ao processo, uma fala de Edir Macedo teve grande repercussão. Nela, amaldiçoou os bispos, pastores, esposas, descendentes e povo em geral.

Em meio a este mesmo processo a Rede Record foi descredenciada pelo Ministério das Comunicações, Tecnologias de Informação e Comunicação Social (MINTTICS) de Angola. O argumento utilizado foi que o registro dado a Record em 1991 era provisório. Além disso, a nova legislação defendia que as empresas deveriam ter como diretor um cidadão angolano, o que não era o caso da Record TV. Também houve reclamações acerca da atuação de jornalistas estrangeiros não credenciados. Tendo estes e outros pontos em vista, o sinal da Record TV foi suspenso a partir da zero hora de 21 de abril de 2021, até que houvesse nova regulamentação. Não só a tv foi atingida, mas outras empresas do grupo de

¹¹⁷ Igreja e Estado em Angola: quem é instrumento de quem? *Observatório da Imprensa*, 8 de novembro de 2020. Disponível em: <https://observatoriodaimprensa.net/en/igreja-e-estado-em-angola-quem-e-o-instrumento-do-outro-3-3/>. Acesso em 24: abr. 2024.

¹¹⁸ Do Reino do Diabo. *Jornal de Angola*. 12 de dezembro de 2019.

comunicações em atuação em Angola.¹¹⁹ O secretário de estado acusava as empresas de não terem cuidado de corrigir os problemas desde o início de sua atuação no mercado angolano. A Record África não só não atendeu aos requisitos como se manifestou com surpresa frente à suspensão das atividades e que pediria esclarecimentos às autoridades.¹²⁰

Os embates em torno dos interesses do grupo de Edir Macedo e o governo angolano ganharam repercussões nos dois lados do Atlântico – no Brasil, a Record TV publicou opinião defendendo a atuação do governo brasileiro em Angola, colocando o caso como de honra nacional, em um discurso de viés intervencionista que reclamava de xenofobia contra os brasileiros ligados à IURD em Angola.¹²¹ Por seu lado, a TV pública angolana, a TPA, levou ao ar uma série de reportagens contra a IURD. Eram denúncias que iam desde racismo e desvio de dinheiro, passando pela esterilização e controle da vida pessoal dos pastores angolanos.¹²²

Uma das discussões mais amplas que envolveram os intelectuais africanos no século XX dizia respeito a qual seria o lugar da África no mundo, suas características e sua contribuição à civilização. Como valorizar o que é africano em meio ao movimento agressivo de colonização que não só extraiu riquezas do continente, mas impôs uma cosmologia, uma forma de organização social, política e econômica? Pouco mais tarde, ainda no mesmo século, com os movimentos de independência, surgiu o dilema da construção de um socialismo africano – pela retomada de valores do continente avessos à civilização capitalista – ou da implementação do socialismo em África – com a inspiração marxista-leninista. Se é verdade que muitas vezes estas discussões eram sustentadas por autores diferentes, cada qual defendendo o seu ponto de vista, tais questões, envolvendo política, economia e cultura não eram desvinculadas.¹²³

Angola enfrentou estes dilemas. Agostinho Neto e o MPLA criticavam o imperialismo e o capitalismo em busca da construção de um país que, embora não alinhado, pendia para o campo do socialismo. Não era, como vimos, o socialismo africano, mas uma incorporação do marxismo-leninismo. Assim como a Rússia e mais tarde a URSS leninista, não negava o

¹¹⁹ MINTTICS suspende Record África, Zap Viva e Vida TV. *Jornal de Angola*, 19 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/mintticts-suspende-record-tv-africa-zap-viva-e-vida-tv/>. Acesso em: 24 abr. 2024.

¹²⁰ Sinais das cadeias televisivas estão suspensas desde ontem. *Jornal de Angola*, 22 de abril de 2021.

¹²¹ Honra nacional está em jogo no combate às perseguições a brasileiros em Angola. *Jornal da Record*, 14 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4oeiU5BLE6w>. Acesso em: 15 fev. 2022.

¹²² Disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCpf7-hTbmKk11p4nqw5LYA/search?query=igreja+universal>. Acesso em: 15 fev. 2022.

¹²³ Sobre esta discussão ver Barbosa (2020).

mercado e a iniciativa privada, muito menos as relações comerciais internacionais. Buscava, contudo, relações de ganho mútuo.

Mas por que não o socialismo africano? Talvez o processo de ocidentalização em Angola houvesse atingido o ponto de não retorno. Como notaram muitos críticos do socialismo africano, em África já havia se reproduzido uma sociedade na qual as classes dominantes internas ansiavam por se tornarem parceiras das ex-metrópoles no momento de independência. Aqui podemos recorrer aos teóricos do sistema mundo. Havia um sistema de nações concretizado, deixando pouco espaço para outras formas de construção (Arrighi, 2016). Neste sistema de nações, o Brasil se apresenta como um polo de ocidentalização.

É necessário enfatizar que o Brasil não foi o único país que na última década aumentou sua presença na África. O investimento chinês é perceptível.¹²⁴ Contudo, houve o aprofundamento dos laços comerciais entre Brasil e Angola durante o período tratado, como demonstram a análise qualitativa e quantitativa. Angola tirou proveito destas relações, como demonstram os números levantados – obviamente de sua relação com diversos países, não só com o Brasil. Além disso, a ocidentalização irradiada pelo Brasil não estreitou laços simplesmente econômicos com Angola. Houve, talvez, o desdobramento de um capitalismo brasileiro¹²⁵ e, como afirmam Wallerstein e Quijano (1992), além de outros autores do giro decolonial, o capitalismo leva consigo um padrão a ser reproduzido, racista, machista, patriarcal. Eram justamente estas as críticas endereçadas à Igreja Universal do Reino de Deus em Angola.

Referências

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.
- BARBOSA, Muryatan S. *A razão africana: Breve história do pensamento africano contemporâneo*. São Paulo: Todavia, 2020.
- BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. A economia política do novo-desenvolvimentismo e do social desenvolvimentismo. *Economia e Sociedade*, v. 21, n.spe, p. 779-810.

¹²⁴ Empresários nacionais convidados a duas feiras. *Jornal de Angola*, 18 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/empresarios-nacionais-convidados-para-duas-feiras/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

¹²⁵ Sobre os interesses brasileiros de ganho de espaço no comércio mundial com o aumento de sua zona de influência ver Fiori (2013).

- BELUCCI, Beluce. O Estado na África. *Revista tempo do mundo*, v. 2, n. 3, dez. 2010.
- BRASIL. Exportações Brasil – Angola. Disponível em <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/106939>.
- BRASIL. Importações Brasil – Angola. Disponível em <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/106940>.
- BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Trad. Carlos Braga e Inácio Canelas. Lisboa: Presença, 1972.
- CARDOSO, Fernando Henrique; FALETO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica*. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- COELHO, Pedro, e MENDONÇA, Hélio de (Org.). *Relações Brasil-África: um colóquio*. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2002.
- COSTA E SILVA, Alberto da. O Brasil, a África e o Atlântico no século XIX. *Estudos Avançados*, v. 8, n.21, 1994.
- FIORI, José Luís. *Os moedeiros falsos*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FIORI, José Luiz. O Brasil e seu “entorno estratégico” na primeira década do século XXI. In: SADER, Emir (Org). *10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma*. São Paulo, SP: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2013.
- FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FRIEDEN, J. A. *O Capitalismo Global: História econômica e política do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. São Paulo: Rocco, 2015.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2012.
- HOBBSBAWM, E. *A Era dos Extremos: O breve século XX 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- IBGE – INSTITUO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sistema de Contas Nacionais-Brasil Referência 2000, *Nota n° 19*; Formação Bruta de Capital Fixo, p. 2; Versão 1.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuição à semântica do tempo histórico*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

- MARTINS, José de Souza. *Do PT das lutas sociais ao PT do poder*. São Paulo: Contexto, 2016.,
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema: a formação do Estado Imperial*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- MELLO, João Manuel Cardoso de. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Editora UNESP; Edições FACAMP, 2009.
- NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo: documentos de uma militância panafricanista*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 2011.
- OLIVEIRA, Paulo Roberto de. A herança africana e a construção do Estado brasileiro. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 141, p. 204-223, maio/ago. 2021.
- OLIVEIRA, Ricardo Soares de. *Magnífica e miserável: Angola desde a Guerra Civil*. Lisboa, Portugal: Tinta da China, 2015.
- QUIJANO, Aníbal; WALLERSTEIN, Immanuel. Americanity as a Concept or the Americas in the Modern World-System. *International Social Science Journal*, XLIV, 4, p. 549-557, 1992.
- ROSSI, Amanda. *Moçambique: O Brasil é aqui*. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- RIZZI, Kamilla Raquel. *Relações Brasil-Angola no pós-Guerra Fria: os condicionantes internos e a via multilateral*. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- SANTANA, Ivo. Relações Econômicas Brasil-África: A Câmara de Comércio Afro-Brasileira e a Intermediação de Negócios no Mercado Africano. *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 25, n. 3, 2003, p. 517-555.
- SARAIVA, José Flávio. *O lugar da África: a dimensão atlântica da política exterior brasileira (de 1946 a nossos dias)*. Brasília: Ed. da UnB, 1996.
- SILVIA, Márcia Maro da. *A independência de Angola*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.
- SINGER, P. *Os sentidos do Lulismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. *Capitalismo histórico e civilização*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- WOOD, Ellen Meiksins. *A origem do capitalismo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.